

Indústrias avaliam possíveis impactos

ANDRÉ MAGNABOSCO, WILSON
GOTARDELLO FILHO E RITA KARAM
SÃO PAULO

A intensidade e a duração da atual crise no mercado imobiliário norte-americano definirão se haverá impactos para a indústria nacional. Caso a crise não seja forte o suficiente a ponto de afetar o comércio mundial e a relação entre real e dólar leve algumas semanas para retornar ao patamar anterior à crise, entre R\$ 1,80 e R\$ 1,90, os exportadores poderão tirar proveito de sua maior competitividade no exterior.

“Não temos uma visão clara do cenário, mas o que sabemos é que, neste momento, a produção brasileira ganhou competitividade”, destaca o superintendente da Associação Brasileira de Indústria Têxtil e Confecção

Expectativa é que turbulências sejam temporárias. Caso contrário, devem afetar investimentos em vários setores

dito que os exportadores tenham tempo de aproveitar este momento”, analisa o presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), Merheg Cachum.

Apesar disso, os executivos destacam que, mesmo que a crise possa ajudar os exportadores, ela não é positiva para o setor. “Hoje o mundo é completamente interligado, e qualquer crise em um país como os Estados Unidos afetará o nosso mercado”, alerta Pimentel.

Segundo Humberto Barbato, presidente da Associação brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), dependendo da duração da crise, os efeitos poderão gerar paralisa de importações no setor de componentes eletroeletrônicos. No entanto, ele também acredita que essa situação não se sustentará. “Evidentemente que os produtos que têm componentes importados poderão sofrer ajustes de preços se a situação se mantiver. Mas não acredito que isso vá acontecer a curto prazo”, disse.

Segundo ele, o aumento dos preços só deve ocorrer se a moeda se fixar em outro patamar e não houver tendência de queda. Caso isso aconteça, Barbato afirma que os setores de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, os que mais exportam, poderão se beneficiar da nova conjuntura.

“Eu não acredito que a tempestade desses dias possa influenciar os investimentos no Brasil, mas é natural que os

agentes econômicos que pensavam investir esperem algumas semanas”, disse Barbato.

O vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Ricardo Wirth, afirmou ontem que o dólar acima dos R\$ 2 po-

Exportação poderá ser beneficiada com a alta do dólar, mas há dificuldades para definir preços neste momento

deria beneficiar a indústria calçadista, mas não acredita que isso deva acontecer. Segundo ele, neste momento, é bom que as empresas façam operações pontuais de vendas.

Para o presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat), Melvyn David Fox, a turbulência no mercado internacional é ruim para toda a economia nacional, mas não deve afetar diretamente a cadeia produtiva da construção. Mas David Fox acredita que o Brasil não aproveitou o crescimento mundial para investir em obras de infra-estrutura. “A crise externa pode causar alguma lentidão nos novos projetos.”

O superintendente da Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento (Anfacer), Antonio Carlos Kieling, avalia que a crise vai colocar o dólar em patamar

mais alto. O executivo projeta que a moeda dos EUA poderá bater em R\$ 2,30 no final do ano. Os Estados Unidos respondem por 37,2% da receita de exportação, ou US\$ 160 milhões. Esse percentual já superou 45%, mas a busca de novos mercados está reduzindo a participação dos EUA.

EFEITOS IMEDIATOS

O atual momento de incertezas da economia mundial, já chegou à economia real brasileira, segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf) e vice-presidente da Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca), Alfried Plöger. Para o executivo, a volatilidade do mercado financeiro mundial obriga as empresas a adiarem seus planos, tanto no mercado de capitais quanto nas operações de compra e venda de insumos e produtos. “No caso do mercado de capitais, não há nenhuma empresa brasileira que pense, neste momento, em lançar ações ou debêntures”, disse, lembrando que a tendência também tem sido registrada no exterior.

Na cadeia produtiva o momento também é de apreensão. Para os importadores, o dólar no atual patamar é inviável para quem pensava em comprar insumos ou produtos acabados com o câmbio na casa dos R\$ 1,80. Já para os exportadores, a maior dificuldade é definir qual preço será cobrado por suas mercadorias.

(Abit), Fernando Pimentel. Para esta maior competitividade se transformar em vantagem aos exportadores, no entanto, é importante que o dólar não retorne a seu antigo patamar com a mesma rapidez com que saltou da casa de R\$ 1,80 para R\$ 2,10. “Os analistas acreditam que esta situação será resolvida em breve. Se isso acontecer, não acre-